Vale do Jequitinhonha:
Entre a carência social e a riqueza cultural

Elaine Cordeiro do Nascimento[1]

Resumo

O presente artigo traz um perfil do Vale do Jequitinhonha, uma região culturalmente rica, mas que carrega sobre si o estigma da carência social. O Vale do Jequitinhonha é povoado por aproximadamente um milhão de pessoas, distribuídas em mais de 80 municípios, com características distintas. Contudo, a diversidade sociocultural da região tende a ser negligenciada pela difusão de informações que predominantemente salientam suas mazelas. A diversidade regional remonta às origens históricas e evidencia-se nas manifestações culturais. Além de resgatar a identidade local e revelar os traços e fazeres do povo, tais manifestações contribuem para fomentar a economia da região, pela venda de artesanato, principal fonte de renda para muitas famílias, e pelos festivais, que atraem visitantes, gerando postos de empregos diretos e indiretos.

Palavras-chave: Vale do Jequitinhonha; diversidade; carência social; riqueza cultural.

Jequitinhonha Valley:
The lack of social and cultural wealth

Abstract

This article offers a profile of the Jequitinhonha Valley, a region culturally rich, but it carries on itself the stigma of social deprivation. Approximately one million people, distributed in over 80 cities, with different characteristics, populate the Jequitinhonha Valley. However, the socio cultural diversity of the region tends to be neglected by the dissemination of information that predominantly emphasizes their problems. The regional diversity dates back to the origins and historical evidence on the cultural events. In addition to rescuing the local identity and reveal the traits and doings of the people, such events help to promote the region's economy, the sale of handicrafts, the main source of income for many families, and the festivals, which attract visitors, generating jobs direct and indirect.

Keywords: Jequitinhonha Valley, diversity, social deprivation, cultural richness.

1 Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa.

A imagem do Vale do Jequitinhonha comumente difundida nos meios de comunicação vincula a região a indicadores sociais e econômicos, através da veiculação de informações que, propensamente, ressaltam os problemas locais. Entretanto, a região não se limita ao estereótipo miserável da carência social. Existem sérios problemas de ordem social e econômica, como apontam tais indicadores. Mas, por outro lado, também existe uma rica cultura, que se manifesta de várias formas entre os seus moradores[2].

Reunido, o povo da região forma um contingente populacional de aproximadamente um milhão de pessoas, que embora delimitadas pela mesma circunscrição regional, apresentam peculiaridades entre si. Existem diferenças locais, que longe de estabelecer uma distinção valorativa ou pejorativa entre as pessoas e as cidades, acabam por conferir à região uma grande diversidade sociocultural[3] que se revela nos modos e fazeres distintos da população.

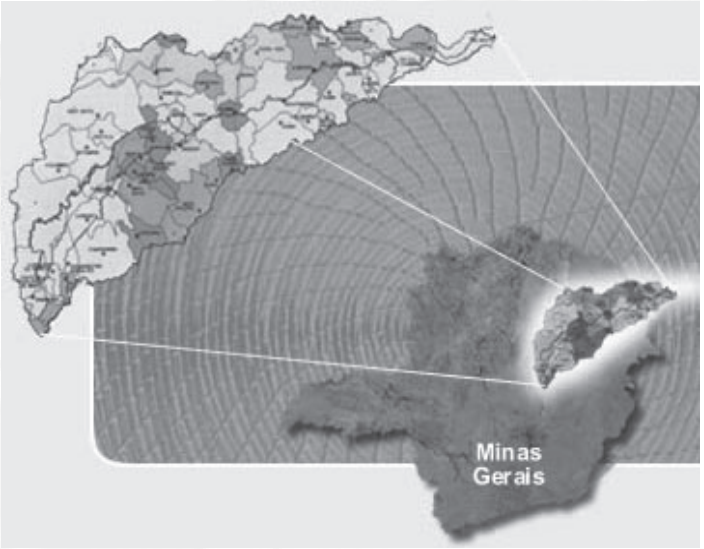

Figura 1 - Posição do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais.
Fonte: Viva o Vale

Situado geograficamente no Nordeste de Minas Gerias, fazendo fronteiras com o Norte de Minas e o Mucuri, o Vale do Jequitinhonha é uma região que ocupa 14,5% da área do Estado, totalizando aproximadamente 85.000 Km^2 de extensão territorial. Deste modo, em decorrência da sua localização e abrangência, a compreensão de aspectos atuais que caracterizam esta região conclama a sua inserção neste contexto maior do Estado de Minas Gerais, bem como incita a abordagem de alguns acontecimentos pregressos. Embora não seja nossa pretensão fazer um levantamento da história do Vale do Jequitinhonha[4], alguns pontos relevantes da sua presença no processo histórico de Minas Gerais serão apontados, pois neles se encontram a origem de algumas das faces atualmente apresentadas pela região.

As origens da formação econômico-social do Vale do Jequitinhonha foram similares às do Estado de Minas Gerais como um todo. O seu povoamento iniciou-se juntamente com o ciclo do ouro, no século

2 Este artigo é uma adaptação do capítulo I da monografia intitulada *Entre a carência social e a riqueza cultural – presenças e ausências do Vale do Jequitinhonha no jornal Estado de Minas (2008*), de minha autoria, orientada pela Profª. Drª. Ana Maria Dietrich. Neste capítulo, fazemos uma caracterização geral do Vale do Jequitinhonha, contextualizando a sua inserção no processo histórico de Minas Gerais, abordando alguns pontos acerca da sua regionalização e sublinhando os seus aspectos diversos e contrastantes, reservando aos capítulos subseqüentes as discussões analíticas sobre a temática, que poderão ser publicadas posteriormente.

3 Consideramos a diversidade sociocultural enquanto os múltiplos aspectos sociais e culturais que a região apreseta.

4 A respeito da trajetória histórica da região existe uma vasta bibliografia, que envolve desde os relatos de viagens de Auguste Saint-Hilaire a trabalhos mais recentes que recontam a história da região, como a obra publicada em 1998, de Maria Nelly Lages Jardim.

XVII, consolidando-se no século XVIII, durante o ciclo do diamante.

> A extração do ouro e do diamante acelerou o processo de povoamento e urbanização, acarretando dificuldades no abastecimento de gêneros alimentícios para a região. Surgiu-se e ampliou-se nessa época, uma débil agricultura de subsistência, associada, quase sempre, à pecuária de corte. (CODEVALE, 1986).

Com o declínio do ciclo do ouro, "processou-se amplo movimento inverso de migração", e outras atividades passaram a se desenvolver mais intensamente, sobretudo as atividades agropecuárias (CODEVALE, 1986). Entretanto, de modo geral, prevaleceu a agricultura de subsistência, em função do estado de abandono em que se encontravam as atividades agro-pastoris, os métodos rudimentares empregados e a contração da renda (PEREIRA, 1996). Contudo, mesmo não sendo propósito neste trabalho ater às especificidades do longo processo histórico de ocupação do Vale do Jequitinhonha, vale ressaltar que este processo não ocorreu de forma homogênea, variando no tempo e conforme cada lugar, fazendo com que atividades distintas prevalecessem em cada parte da região.

Analisando o surgimento "da rede de cidades" do Vale do Jequitinhonha, ou seja, a formação dos primeiros núcleos populacionais urbanos significativos da região, VELLOSO & MATTOS apontam a abordagem da historiografia recente postulante de que apesar da fundamental importância das riquezas minerais para a estruturação do Vale do Jequitinhonha, "não seria possível compreendê-lo sem levar em consideração a agricultura e a pecuária, inicialmente voltadas para a subsistência, mas posteriormente engajadas num circuito comercial que visava o mercado interno e mesmo o externo ao Vale" (VELLOSO & MATTOS,1998).

Contudo, é notório o peso que o ouro e o diamante tiveram na configuração de Minas Gerais de um modo geral, manifestando-se ainda hoje com grande realce. Além de ter trazido no seu bojo mudanças de ordem social, econômica e demográfica, mesmo tendo entrado em declínio, a mineração foi também responsável por imprimir ao Estado características marcantes que se fazem presentes até os dias atuais. Pois, "ligado ao dinamismo das inovações, encontra-se, sem dúvida, o fator da descoberta ou aproveitamento dos recursos naturais, como elemento propulsor das transformações econômico-sociais" (DIAS, 1971).

No primeiro ensaio de sua obra *A imagem de Minas: ensaios de sociologia regional*, DIAS (1971) assinala que "Minas, cujo território não se polariza sobre um único centro de convergência, constitui efetiva configuração regional, embora não o seja do ponto-de-vista geográfico". E, analisando o caráter regional mineiro, o autor afirma que ele "formou-se, segundo certo consenso, no período agudo da mineração".

Entretanto, tal "caráter regional" não se constitui num conjunto de traços identificáveis nas diversas partes que compõem este Estado de amplas dimensões territoriais. Afinal, como afirma o próprio autor, "Minas é a região montanhosa e a dos campos; é a das matas, das matas que se extinguem; é a do cerrado. Há muitas Minas", e "atribuir a todo mineiro características observadas no centro de Minas parece atitude arbitrária" (DIAS, 1971).

Deste modo, se existe um caráter regional característico de Minas Gerais, pode-se falar também da existência de um diverso caráter intra-regional, na medida em que o Estado é constituído por várias

partes distintas. Aqui, nos ateremos apenas a uma delas: o Vale do Jequitinhonha.

Unidade da diversidade

As diversas partes/regiões que constituem o Estado de Minas Gerais podem ser designadas de formas distintas: zonas fisiográficas (IBGE, 1941); microrregiões homogêneas (IBGE, 1969); regiões funcionais urbanas (IBGE, 1972); regiões para fins de planejamento (FJP, 1973); mesorregiões e microrregiões geográficas (IBGE, 1990); regiões de planejamento (FJP, 1992); regiões administrativas (FJP, 1996), entre outras. Ante a essa variabilidade conceitual, constantemente o Vale do Jequitinhonha ou, simplesmente, o Jequitinhonha, aparece na nomenclatura relacionada à parte do Estado localizado nas proximidades da bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha. Acrescentando-se ainda que conforme a divisão, o Jequitinhonha é apresentado juntamente com o Mucuri, sendo comum encontrar a definição: Jequitinhonha/Mucuri[5].

Diante disso, parece existir uma indefinição com relação à real configuração e classificação da região. Conforme a definição conceitual, não somente a nomenclatura é alterada, como também os municípios circunscritos na área, causando assim uma variação nos dados demográficos e espaciais. Esta confusão aparente se deve à dinâmica do próprio processo de regionalização. Em trabalho recente, no qual faz um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização de Minas Gerais, DINIZ & BATELLA afirmam que

> apesar de diversas propostas e concepções, o termo região está inequivocamente associado à diferenciação de áreas, ou seja, à aceitação de que a superfície da terra é formada por áreas diferentes entre si. No entanto, haverá tantas regiões quantos forem os conceitos, critérios e objetivos empregados no processo de regionalização (DINIZ & BATELLA, 2005).

Os autores explicam que tradicionalmente os geógrafos têm definido regiões segundo dois critérios básicos: a homogeneidade e a funcionalidade. "Enquanto o princípio da homogeneidade baseia-se na recorrência de determinadas características no espaço, a funcionalidade está associada com as relações entre os lugares" (DINIZ & BATELLA, 2005).

Tendo em vista que entender a dimensão espacial da região faz-se relevante, pois como aponta Milton Santos a respeito da definição de espaço de H. Lefebvre[6], "se o espaço nada mais fosse que a forma física, isso seria totalmente verdadeiro; mas o espaço social distingue-se das formas vazias pelo próprio fato da sua cumplicidade com a estrutura social" (SANTOS, 2007), indicamos a seguir algumas distinções a fim de determinar o espaço focalizado neste artigo.

O Vale do Jequitinhonha *Oficial* foi delimitado em 6 de junho de 1966, pelo Decreto nº 9.841, para efeito de atuação da CODEVALE[7], contemplando 52 municípios. Com as emancipações levadas

5 Neste caso, as duas constituem a Região IX de Planejamento do Estado de Minas Gerais.

6 Segundo a sua definição, "a forma do espaço social é o encontro, a reunião, a simultaneidade" enquanto "o espaço-natureza justapõe, dispersa" (LEFEBVRE, 1974 *apud* SANTOS, 2007).

7 *A CODE*VALE foi uma entidade autárquica de Minas Gerais, criada em 1974, com o objetivo de promover o desenvolvimento da região. Ela foi extinta, sendo substituída pelo Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais (IDENE), criado em 2002.

a efeito em 1992 e em 1995, estes 52 municípios geraram outros 28, elevando-se para 80 o número de municípios.

Tabela 1- Municípios que compõem o Vale do Jequitinhonha *Oficial*, incluindo aqueles criados em 1992 e 1995.

Almenara	Divisópolis**	Leme do Prado*	Rio Pardo de Minas
Angelândia*	Felício dos Santos	Malacacheta	Rio Vermelho
Araçuaí	Felisburgo	Mata Verde**	Rubelita
Aricanduva*	Francisco Badaró	Medina	Rubim
Bandeira	Franciscópolis*	Minas Novas	Salinas
Berilo	Fruta de Leite*	Monte Formoso*	Salto da Divisa
Berizal*	Grão Mogol	Montezuma**	Santa Cruz de Salinas*
Bocaiúva	Guaraciama*	Nova Porteirinha*	Santa Maria do Salto
Botumirim	Indaiabira*	Novo Cruzeiro	Santo Antônio do Jacinto
Cachoeira de Pajeú	Itacambira	Novorizonte*	Santo Antônio do Retiro*
Capelinha	Itamarandiba	Olhos D'Água*	São Gonçalo do Rio Preto
Caraí	Itaobim	Padre Carvalho*	Senador Modestino Gonçalves
Carbonita	Itinga	Padre Paraíso	Serranópolis de Minas*
Chapada do Norte	Jacinto	Pai Pedro*	Serro
Comercinho	Jenipapo de Minas*	Palmópolis**	Setubinha*
Coronel Murta	Jequitinhonha	Pedra Azul	Taiobeiras
Couto Magalhães de Minas	Joaíma	Ponto dos Volantes*	Turmalina
Cristália	Jordânia	Porteirinha	Vargem Grande do Rio Pardo*
Datas	José Gonçalves de Minas*	Riacho dos Machados	Veredinha*
Diamantina	Josenópolis*	Rio do Prado	Virgem da Lapa

Fonte: Instituto de Geociências Aplicadas – IGA

* Municípios criados pela Lei nº 12.030, de 21/12/95.
** Municípios criados pela Lei nº 10.704, de 27/04/92.

Mas, como apontamos anteriormente, as propostas de regionalização envolvem certas especificidades. Assim, para não incorrermos na complexidade conceitual que envolve o termo região, e tendo em vista que lidamos com um grande número de municípios, tomamos como referência para desenvolvimento deste trabalho, a divisão administrativa do Vale do Jequitinhonha com base em sub-regiões, disponível no Portal do Vale do Jequitinhonha.

A opção por esta divisão deve-se ao fato dela aproximar-se do Vale do Jequitinhonha *Oficial*, embora possam ser identificadas certas variações como o número de municípios, em função da inclusão de algumas cidades[8] e da exclusão de outras.

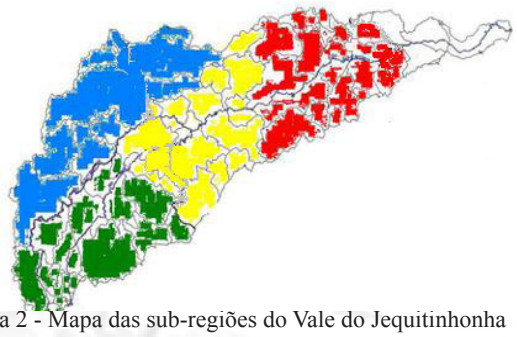

Figura 2 - Mapa das sub-regiões do Vale do Jequitinhonha
Fonte: Portal do Vale do Jequitinhonha

Alto Jequitinhonha

Jequitinhonha Semi-árido

Médio Jequitinhonha

Baixo Jequitinhonha

8 Ao longo deste trabalho empregamos os termos cidades e municípios como sinônimos.

Tabela 2 - Municípios das sub-regiões do Vale do Jequitinhonha

Alto Jequitinhonha	Jequitinhonha Semi-Árido	Médio Jequitinhonha	Baixo Jequitinhonha
Angelândia	Águas Vermelhas	Araçuaí	Almenara
Aricanduva	Berizal	Berilo	Bandeira
Capelinha	Bocaiúva	Cachoeira de Pajeú	Divisópolis
Carbonita	Botumirim	Caraí	Felisburgo
Couto Magalhães	Cristália	Chapada do Norte	Jacinto
Datas	Curral de Dentro	Comercinho	Jequitinhonha
Diamantina	Divisa Alegre	Coronel Murta	Joaíma
Felício dos Santos	Fruta de Leite	Francisco Badaró	Jordânia
Itamarandiba	Grão Mogol	Franciscópolis	Mata Verde
Leme do Prado	Guaraciama	Itaobim	Monte Formoso
Minas Novas	Indaiabira	Itinga	Palmópolis
Rio Vermelho	Itacambira	Jenipapo de Minas	Pedra Azul
São Gonçalo do Rio Preto	Josenópolis	José Gonçalves de Minas	Rio do Prado
Senador Modestino Gonçalves	Montezuma	Medina	Rubim
Serro	Ninheira	Novo Cruzeiro	Salto da Divisa
Turmalina	Nova Porteirinha	Padre Paraíso	Santa Maria do Salto
Veredinha	Novorizonte (Novo Horizonte)	Ponto dos Volantes	Santo Antônio do Jacinto
	Olhos D'água	Setubinha	
	Padre Carvalho	Virgem da Lapa	
	Pai Pedro		
	Porteirinha		
	Riacho dos Machados		
	Rio Pardo de Minas		
	Rubelita		
	Salinas		
	Santa Cruz de Salinas		
	Santo Antônio do Retiro		
	São João do Paraíso		
	Serranópolis de Minas		
	Taiobeiras		
	Vargem Grande do Rio Pardo		

Esta fragmentação da região em partes implica a diversidade regional e a existência de uma diferenciação entre os municípios, que embora agrupados em sub-regiões, reservam peculiaridades entre si. A diversidade do Vale do Jequitinhonha revela-se tanto nos seus elementos naturais, como o clima e os solos, como nos elementos que envolvem diretamente a atuação do homem. No que se refere ao meio-natural, coexistem na região os climas Tropical Chuvoso, Seco, Tropical de Altitude e Semi-árido. Os solos também são disformes, apresentado terrenos à base de quartzitos, áreas de calcário e siltitos, rochas metamórficas, além de granitos e gnaisse (CODEVALE, 1986).

No tocante à atividade humana, a diversidade do Vale do Jequitinhonha também é expressiva. SOUZA (2003) ressalta que a região é diversificada tanto pelo longo processo histórico de ocupação quanto pelas várias atividades que predominaram em cada lugar.

> No alto-médio Jequitinhonha (Serro, Diamantina, Minas Novas) e no norte do estado (Rio Pardo de Minas, Salinas) a ocupação do território se deu a partir do início do século XVIII. No baixo Jequitinhonha (Pedra Azul, Jequitinhonha, Almenara, Salto da Divisa), ela aconteceu somente um ou dois séculos depois. No alto Jequitinhonha, a atividade principal foi a mineração decorrente das bandeiras paulistas que chegaram às "minas gerais" a partir do final do século XVII. No norte de Minas e no baixo Jequitinhonha, a atividade principal foi a pecuária, que atingiu o território mineiro através do vale do

São Francisco, o "rio dos currais". Atualmente há predomínio da atividade mineradora no alto Jequitinhonha, predomínio da pecuária no baixo Jequitinhonha e uma atividade mista na região intermediária (SOUZA, 2003).

A diversidade regional também se revela nas manifestações culturais, que apresentam traços da cultura indígena e negra. Tais manifestações envolvem grupos folclóricos, conjuntos arquitetônicos e históricos e artesanatos. Sobre o artesanato regional, vale ressaltar que a sua variedade não se restringe à criatividade dos diversos objetos criados em cerâmica, comumente difundidos como característicos do Vale do Jequitinhonha. Além da cerâmica, a região apresenta variadas peças artesanais em palha, bambu, madeira e algodão, reservando a distintos municípios o domínio das técnicas e dos modos de produção da sua arte.

Figura 3 - Peça de Noemisa Batista dos Santos, Ribeirão Capivara, no município de Caraí.
Fonte: Cerâmica no Rio

Figura 4 - Peça de João Alves, de Taiobeiras.
Fonte: Cerâmica no Rio

Figura 5 - Máscara indígena de Lira Marques, de Araçuaí.
Fonte: Onhas.com

Figura 6 - Escultura em madeira, Zefa de Araçuaí.
Fonte: Onhas.com

Figura 7 - Isabel Mendes da Cunha, de Santana do Araçuaí, município de Ponto dos Volantes, modelando uma boneca de cerâmica.
Fonte: Cerâmica no Rio

Figura 8 - Ulisses Mendes, de Itinga, criador da peça inspirada na frase "Minha vida é a cruz que eu carrego"
Fonte: Boletim UFMG

Em Itinga, destacam-se as esculturas em madeira; em Berilo, Virgem da Lapa e Minas Novas, a tecelagem; em Turmalina e Veredinha, os bordados em ponto cruz; em Diamantina, os tapetes Arrayolos; em Almenara, a cestaria; os trabalhos em couro, em Araçuaí e Jequitinhonha. Além da diversidade entre os municípios, onde cada um apresenta um produto artesanal de destaque, podemos observar também elementos recorrentes entre eles, como a técnica de produção de peças de cerâmica, que, por sua vez, se faz presente em várias cidades, como: Araçuaí, Caraí, Itaobim, Itinga, Joaíma, Minas Novas, Padre Paraíso, Rio Pardo, Rubim, Salinas, Santana do Araçuaí, Taiobeiras e Turmalina.

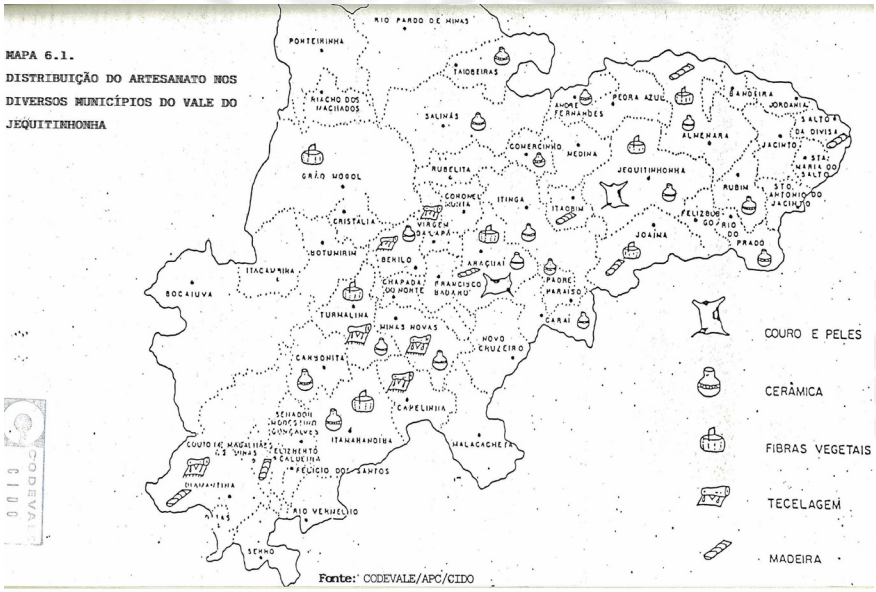

Figura 9 - Distribuição do artesanato nos diversos municípios do Vale do Jequitinhonha na década de 1980.
Fonte: CODEVALE

Como podemos observar no mapa, os produtos mais recorrentes são feitos em cerâmica, ao passo que os menos são trabalhados em couro e peles. A respeito da recorrência das peças em cerâmica

na região, Carolina Dias de Oliveira (2007), tratando do incentivo e diversificação do artesanato em Gouveia (MG), em sua dissertação de mestrado, cita o Vale do Jequitinhonha como exemplo de estímulo ao "marketing artesanal", a partir da produção especializada de um determinado produto.

Entretanto, esta discrepância entre a recorrência de diferentes produtos artesanais na região pode ser decorrente de diversos fatores, pois como afirma MARTINS (1973),

> o tipo ou a modalidade de artesanato é contingência ecológica: a matéria-prima e outros recursos naturais, a densidade demográfica, o estilo de vida, as tradições, a fisiografia regional, tudo impõe ou determina a técnica artesanal e condiciona o artesão – como, de resto, toda a ação do homem no meio (MARTINS, 1973).

Além destes aspectos, a intervenção direta da ação do homem manifesta-se também de forma díspar na região no tocante a fatores sociais e econômicos. Para se ter uma idéia, segundo dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2003), enquanto o município de Diamantina apresentou renda *per capita* de R$ 213,02, no ano 2000, a cidade de Fruta de Leite apresentou renda *per capita* de R$ 55,76.

Desta forma, pode-se observar a formação de um mosaico regional, onde a natureza aliada ao elemento humano configura um todo descontínuo, que ora revela aspectos de opulência, ora se descortina pauperizado.

Paradoxos: a carência social e a riqueza cultural

O Vale do Jequitinhonha, embora estigmatizado ao longo do tempo pelo estereótipo miserável da carência, em função da existência de sérios problemas de ordem social e econômica, agravados por fatores de ordem ambiental, também apresenta uma rica cultura[9], que se manifesta de várias formas entre o seu povo. Assim, poderíamos caracterizar a região em função dos seus extremos, mas extremos que interagem entre si, num processo dialético configurando a realidade vivenciada pelos moradores do Vale do Jequitinhonha.

Nos tempos áureos da mineração, a região foi muito cobiçada, atraindo imigrantes de diversas partes do país. Hoje, séculos depois da mineração predatória, a região antes almejada como destino a ser alcançado, graças à opulência dos recursos minerais, se vê qualificada pela miséria e pobreza.

Entretanto, mesmo diante desses diferentes olhares lançados sobre o Vale do Jequitinhonha, passado e presente conservam um traço comum: o processo migratório. Antes, a migração era caracterizada pela recepção dos desbravadores do ouro e do diamante. Mas, hoje, o que se observa na região é um fluxo migratório inverso, em que emigrantes, em busca de melhores condições de trabalho, se lançam rumo aos grandes centros urbanos como São Paulo e Belo Horizonte. De acordo com GAZILONI (2008), "em início dos anos setenta viajaram para Belo Horizonte e São Paulo capital para se empregarem na construção civil e, no começo da década de oitenta, afluem para o corte de cana no interior paulista,

9 Neste artigo, privilegiamos informações acerca da riqueza cultural, por entender que a abordagem sobre problemas de ordem social e econômica já foi demasiadamente contemplada por diversos trabalhos acadêmicos e diagnósticos institucionais, como por exemplo: Ministério do Planejamento e Orçamento (1997); SALVATO, M.A *et all* (2006); ARAÚJO (2007); SIMÃO (2004); entre outros.

fluxo que continua até os dias atuais". Para se ter uma idéia em termos numéricos, segundo dados do IBGE tabulados pela CEDEPLAR (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG), elaborados por AUGUSTO (2007), do número total de emigrantes (29.279) originários do Vale do Jequitinhonha no período entre 1986/1991, 21.073 se destinaram ao Estado de São Paulo.

O quadro natural também reserva à região um contra-senso: por um lado, castiga os moradores em períodos de seca ou vitima-os durante as cheias. Por outro, a natureza contempla o Vale do Jequitinhonha com belas paisagens, que extrapolam a terra árida e a escassez da vegetação. Mas, o meio físico integra a memória regional de forma marcante, sobretudo, pelas calamidades causadas. Podemos apontar como exemplos, a inundação da cidade de Araçuaí, em 1919; o ano de 1939, quando "o flagelo da seca espalhou a fome por toda a região, e retirantes vagavam de um lugar para outro à procura de trabalho e comida" (SOUZA, 2005); e mais recentemente, a seca que acometeu a região em 1998.

Além de impactos diretos no cotidiano dos moradores, os problemas gerados pelo meio físico formam na memória da população determinadas representações. No Vale do Jequitinhonha persevera uma memória negativa por época das passagens de anos terminados em nove, que vêm sempre associados às catástrofes. "A repetição de ciclos bastante regulares permitiu a criação de representações sobre um quadro natural que se alterna entre momentos de fartura, quando as chuvas são bem distribuídas, e a situação de penúria, quando a seca certa esturrica a terra" (SOUZA, 2005). Neste trabalho recente, onde trata de alguns dos usos e abusos na medicina popular no município de Turmalina, e constata o uso da medicina popular do passado para atenuar problemas de saúde pública do presente, SOUZA (2005) problematiza a unanimidade na fala de moradores entrevistados devido ao emprego da expressão "tempos difíceis". Segundo o autor, "essas dificuldades vieram sempre associadas a problemas climáticos que assolaram a região em determinados momentos" (*Ibidem*).

Discorrendo ainda a respeito dessas representações criadas sobre o quadro natural, SOUZA (2005) faz referência a um livro publicado em 1908, no qual o autor relata as representações que a memória coletiva havia criado acerca das características de cada ano, e transcreve um trecho sobre Rio Pardo de Minas:

> As estações nem sempre correm regulares. Esse Municipio, como quasi todos os outros de extremo norte do Estado, tem sido flagelado, periodicamente, por estiagens mais ou menos duradouras, das quaes são mais notaveis as secas e fomes, medonhamente celebres, de 1819, 1859, 1890, e 1898-99, irrogando damnos enormes à população, sobretudo aos habitantes da zona das catingas carrasquentas, a mais arida, notando-se que nos anos de crise e no que imediatamente se lhe segue, copiosamente chuvoso, a mortalidade é espantosa em seres humanos e irracionaes que quasi se nivelam na conjunctura miseravelmente tragica do flagello ardente, da penuria negra, aterrorisante, em pleno sertão bravio. (NEVES, 1908 *apud* SOUZA, 2005)

À exemplo de tais representações, a população também incorpora e reproduz práticas e costumes, que vão sendo transmitidos de geração a geração através de uma aprendizagem cotidiana. Neste cenário, a oralidade assume papel relevante. Tratando da literatura oral do Vale do Jequitinhonha, através da análise de trechos de contos e conversas de contadores da região, Vera Lúcia Felício Pereira, afirma que

> Os contos orais exercem em seu contexto a função social de ensinar às gerações um modo de conciliação novo e do extremamente antigo, mesmo arcaico, ideando uma colagem que sugira os caminhos do que se pensa moderno sem o abandono do passado. Essas narrativas querem mostrar uma possibilidade aceitável de se incorporar, nos hábitos da comunidade, características diversas daquelas em que se originaram e nessa maleabilidade, realizar a continuidade com os sistemas de tradição (PEREIRA, 1998).

No processo de reprodução de representações, as informações orais dos moradores revestem o passado de aspectos do presente, e vice-versa. Nas "lembranças se medem, além das antigas questões que afligiram os vários grupos sociais, outras, novas, que surgem com as transformações modernas sofridas pela região" (PEREIRA, 1998).

> O narrador do Vale do Jequitinhonha fala de sua terra com a autoridade de quem vive nela, mergulhado em disparidades históricas que se transformam no substrato de seus contos e casos. Os conhecimentos adquiridos na luta pela sobrevivência, fora ou dentro da região, tornam-se matéria a ser perpassada de boca em boca porque contem fórmulas de subsistir (*Ibidem*).

A oralidade além de contribuir para a transmissão de determinadas representações que compõem o imaginário da população, e preservar traços característicos da região, manifesta um rico patrimônio oral. Na música, pode-se destacar o Coral das Lavadeiras de Araçuaí; as letras e canções de Paulinho Pedra Azul; Rubinho do Vale, Pereira da Viola, Tadeu Franco, além de tantos outros menos consagrados pelos meios de comunicação, mas não menos importantes culturalmente. Incorpora também esse patrimônio oral, os poemas de poetas e trovadores, assim como os casos de contadores anônimos e outros já aclamados como Tadeu Martins e Gonzaga Medeiros, e a atuação do poeta, comediante e apresentador Saulo Laranjeira.

A informação oral também é elemento fundamental na transmissão de técnicas de produção do artesanato do Vale do Jequitinhonha, que tem na cerâmica a sua expressão mais acentuada. Ironicamente, a riqueza hoje representada pelo artesanato em cerâmica da região, à semelhança dos recursos minerais do passado, também é extraída do solo. O barro e a argila são as principais matérias-primas empregadas. A mesma terra árida que em determinadas épocas do ano sucumbe perspectivas para a subsistência, faz emergir a principal fonte de renda para muitas famílias da região.

A respeito da sua história na criação de peças de cerâmica, D. Izabel Mendes da Cunha, referência do artesanato da região, conta que "com cerca de oito anos, como ela diz, já fazia suas primeiras peças de barro, brinquedos para os irmãos e para si própria. Foi sua mãe quem a incentivou a modelar e a usar o forno de lenha para queimar as peças" (MATTOS, 2007).

> Eu aprendi a mexer com o barro com a minha mãe (D. Vitalina), que também aprendeu com a mãe dela (D. Carlota), que também aprendeu com a mãe dela. Primeiro eu começava a fazer as bonequinhas, pra gente brincar, as panelinha. Olhava os menino e ia mexendo com o barro e nisso fui crescendo e a idéia da gente vai crescendo também. A gente ia inventando mais coisa. O povo gostava. Depois que a gente acabou de criar, eu continuei sempre nesse serviço. E fui fazendo a idéia e modificando. Fazer

> essas cores do barro para colorir os barros uns aos outros, foi minha idéia mesmo. Pegar o barro e apurar para fazer o colorido. Pegava e fazia e continuava. (Trechos da entrevista de D. Isabel Mendes da Cunha concedida a Sonia Missagia Mattos, em 13 de março de 1997, reproduzidos no artigo "Mãos Criadoras de Vida: Ceramistas do Vale do Jequitinhonha").

Utilizando-se de técnicas rudimentares para a produção das peças em cerâmica, os artesãos, ou mais precisamente, as artesãs, tendo em vista que na região esta é uma atividade majoritariamente feminina, manifestam ou projetam nas suas criações, personagens diversos. No processo de produção,

> Os artesãos têm como instrumento o sabugo de milho, pano molhado, coité, um improvisado pincel levando na ponta um pedacinho de algodão, para dar uma pintura final nas cores vermelha e preta, que é extraída do barro chamado tauá, como também sai da tabatinga a cor branca (CODEVALE, 1986).

Assim como a cerâmica, os demais artesanatos da região envolvem processos elementares de produção. Mas, em contraposição, manifestam uma expressiva dimensão criativa, além de apresentarem uma relevante dimensão econômica para o Vale do Jequitinhonha, assegurando "o sustento de famílias inteiras na Região, ao mesmo tempo em que permite extravasar toda uma criatividade artística que reflete sonhos, esperanças, bem como uma visão do mundo bem própria de quem a tem dura e simples, como são suas vidas" (CODEVALE, 1986).

Ademais, a questão financeira propiciada pela sua venda, imprescindível para o suprimento material das condições de existência da população, o artesanato faz emergir da vida simples, verdadeiros ícones regionais, revestidos de certo glamour.

> Alguns nomes de artesãos tornaram-se muito conhecidos pela beleza e originalidade de suas produções. As irmãs Batistas – Noemisa, Santa, Geralda, e Jacinta – e, ainda, Zefa, seu Ulisses Pereira Chaves, Maria Assunção, Juvência, Dona Rita e Mundinha Santeira assinam peças famosas em cerâmica. Seu Antônio de Veredinha e Dona Celestina são destaque com produtos de cestaria. Dida de Caraí reproduz flores e objetos em peças de utilidade doméstica. Maria Assunção, de Taiobeiras, Isabel, de Itinga, Ana do Baú, de Minas Novas, têm no barro seu veículo de expressão artística *(Ibidem*).

A esta lista elaborada pela CODEVALE na década de 80, poderíamos incluir atualmente outros nomes, como, por exemplo, D. Lira Marques, de Araçuaí, famosa pela produção de máscaras indígenas. Entretanto, não podemos esquecer-nos de tantos outros artesãos reservados ao anonimato e que contribuem para a riqueza artesanal típica da região.

O artesanato, embora diversificado, constitui-se em apenas uma das manifestações que conferem opulência à cultura da região. Existem ainda manifestações folclóricas e religiosas. A festa mais comum no Vale do Jequitinhonha é a Folia de Reis, que, por sua vez, não é manifestação exclusiva da região, noutras partes do Estado e em vários outros municípios do Brasil ela também é celebrada.

Na região, são festejados ainda o Divino, Nossa Senhora do Rosário, São Sebastião, Pastorinhas, Marujadas e Congado. Tais manifestações remontam às origens históricas da região. Aires da Mata

Machado Filho, em sua obra que trata do folclore da mineração e apresenta um vocabulário dos faiscadores do povoado de São João da Chapada, município de Diamantina, caracteriza a simbologia da Festa do Divino para os moradores do povoado:

> Vindo a Festa do Divino, ou outra qualquer, manda caiar a casa de nôvo, veste garridamente mulher e filhas, renova-se também, e fica esperando a parentada ou os compradores do sertão. Sim, do sertão, essa vaga ficção geográfica que sempre foge a localização precisa. Pode-se entrar pelo sertão, que sempre haverá um sertão mais para o interior do país. (...) O tipo autêntico do lugar tem gabo em ver a casa cheia de gente na ocasião das festas. É sinal de prosperidade e mostra a índole hospitaleira (MACHADO FILHO, 1985).

Nas festas do Rosário, que têm "os homes pobres e de cor" (CODEVALE, 1986) como seus principais promotores,

> Ocorrem as cerimônias de troca de reis, encenações, resquícios da tradição oral, muitas de cunho medieval e misto de religiosidade e ritos pagãos. Festejos dos cavaleiros, cavalhadas, marujos, ponteiros - imitações dos ritos das cortes. Ainda batuques com tambores, tamborins, cuícas, maracás (JARDIM, 1998).

Somando-se a essas festividades, a região apresentava no passado outras manifestações, que com o passar do tempo foram e vão se descaracterizando, perdendo assim o seu caráter religioso e/ou folclórico. "Havia em Jequitinhonha a novena das pastorinhas vestidas 'à moda'". "Havia também o Boi Janeiro" (*Ibidem*).

Embora certas manifestações da cultura regional vão se dissolvendo e/ou se ressignificando em meio a outras práticas, outras demonstram intensa vitalidade. Deste modo, podemos falar ainda da existência de uma expressiva cultura popular na região na medida em que revela traços e modos de vida da população, tendo nos festivais o seu lócus privilegiado, onde se reúnem e mostram as diversas expressões do seu povo.

Dessa forma, o Vale do Jequitinhonha revela uma realidade paradoxal, em que a carência social e a riqueza cultural são dois extremos por onde perpassam diversas oposições aparentes. Passado e presente; imigração e emigração; fama e anonimato; simplicidade e glamour; pobreza e opulência; secas e enchentes; escassez e abundância; integram o desenvolvimento de um processo que resulta na configuração de uma realidade cujo traço distintivo é a diversidade sociocultural.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Taiana Fortunato. *As inter-relações entre pobreza, desigualdade e crescimento nas mesorregiões mineiras, 1970-2000*. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2007.
ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2003. Disponível em: http://www.pnud.org.br/atlas/ Acesso em: 12 de jul. de 2008.
AUGUSTO, Hélder dos Anjos. *Migração recente nas mesorregiões de Minas Gerais segundo os Censos Demográficos de 1991 e 2000*. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2007
CERÂMICA NO RIO. *Vale do Jequitinhonha-MG*. Disponível em: http://www.ceramicanorio.com/

artepopular/valedojequitinhonha/valejequitinhonha.htm. Acesso em: 15 de outubro de 2008.
CODEVALE. *Vale do Jequitinhonha*: informações básicas. Belo Horizonte: CODEVALE, 1986, 168 p.
DIAS, Fernando Correia. *A imagem de Minas*: ensaios de sociologia regional. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971, 179 p.
DINIZ, Alexandre Magno Alves. BATELLA, Wagner Barbosa. O *Estado de Minas* Gerais e suas regiões: um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização. In: *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, 17 (33): 59-77, dez. 2005.
FECAJE. *Festivale/Histórico*. Disponível em: http://fecaje.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=21&Itemid=37. Acesso em: 1º de agosto 2008.
JARDIM, Maria Nelly Lages. *O Vale e a vida*: História do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1998, 172 p.
MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985, 131p.
MARTINS, Saul. *Contribuições ao estudo científico do artesanato*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973
MATOS, Sônia Missagia. *Artefatos de gênero na arte do barro*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.
_____. Mãos criadoras de vida: ceramistas do Vale do Jequitinhonha. *In: Habitus*. V.5, n. 1, p.187-207. Goiânia: jan./jun., 2007.
MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO. *Diagnóstico Ambiental da Bacia do Rio Jequitinhonha* - Diretrizes Gerais para a Ordenação Territorial. Salvador: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1997.
OLIVEIRA, Carolina Dias de. *As relações artesanais e o estímulo ao Desenvolvimento Local no Brasil, em Gouveia-MG e outras diferentes escalas*. Belo Horizonte: UFMG, 2007
PEREIRA, Vera L. Felício. *O artesão da memória do Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Ed. PUC/MG, 1996, 206 p.
PORTAL DO VALE DO JEQUITINHONHA. Vale do Jequitinhonha. Disponível em: http://valedojequi.lithiuminformatica.com.br. Acesso em: 1º de agosto de 2008.
PORTAL ONHAS.COM. *As cidades do Vale do Jequitinhonha*. Disponível em: http://www.onhas.com.br/internas.php?page_key=46&lay_key=12&cid_key=1&site=onhas&menu_parent_key=56. Acesso em:15 de setembro de 2008.
SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
SALVATO, M. A. *et all. Disparidades Regionais em Minas Gerais*. Ibmec, 2006
SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2007, 96p.
SIMÃO, Rosycler C. Santos. *Distribuição de renda e pobreza em no Estado de Minas Gerais*. Piracicaba: Esalq, 2004.
SOUZA, João Valdir Alves de. Defesa do Jequitinhonha. *In: Estado de Minas*, 01 de jan 2005, Caderno Pensar, p. 1.
_____ Fontes para uma reflexão sobre a história do Vale do Jequitinhonha. *Unimontes Científica*. Montes Claros, v. 5, n. 2, 2003, p 107-120.
_____ Possibilidades e limites da educação popular. In: SOARES, L. at all. (Org.) *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005
_____ *Oferta e demandas educacionais na Mesorregião dos vales do Jequitinhonha e Mucuri*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
_____ *Monografia sobre o Vale do Jequitinhonha*. Mensagem pessoal enviada à autora em 13 de agosto de 2008.
UFMG. *Programa Pólo Jequitinhonha*. Disponível em: http://www.ufmg.br/polojequitinhonha/index.php. Acesso em: 16 de setembro de 2008.
VELLOSO, André. MATTOS, Ralfo. A rede de cidades do Vale do Jequitinhonha nos séculos XVIII e

XIX. Belo Horizonte: *Geonomos*, v.5, p.49-60, 1998.
VIVA O VALE. *Mapa do Vale do Jequitinhonha*. Disponível em: http://www.vivaovale.com.br/mapa.html. Acesso em 20 de agosto de 2008.